

COOPERATIVISMO: ORIGENS E EVOLUÇÃO

COOPERATIVISM: ORIGINS AND EVOLUTION

João Eder Sales¹

RESUMO

Para se falar de cooperativismo neste início de século, é importante que se situe e entenda os acontecimentos de nosso tempo. Este trabalho aborda o contexto da época do surgimento do cooperativismo e o cenário atual. Aborda, ainda, aspectos econômicos, sociais e de que forma o cooperativismo pode contribuir para o bem-estar da humanidade. O ser humano é tido como um ser social e as formas de cooperação são algo muito antigo na história da humanidade. Quando as pessoas se juntam, produzem muito mais que do que produziram individualmente. O cooperativismo, como movimento alternativo e de oposição ao capitalismo, poderia ser utilizado como instrumento para uma melhor distribuição de renda e crescimento socioeconômico das economias emergentes. Os precursores pensavam diferente, mas o homem era sempre o objetivo principal. Diante disso, conclui-se que a disseminação da educação cooperativista seria uma alternativa viável para o momento.

PALAVRAS-CHAVE: Cooperativismo; Origens; Evolução; Aspectos Sociais Econômicos.

ABSTRACT

To say about cooperativism in this beginning century, it is important the understanding of the events in our time. This work approaches the context of the cooperativism emergence time and the current scene. It also discuss the economic and social aspects and how the cooperativism can help for well-being of the humanity. The human being is well-known as a social being and the support is something very old in human history. When people are together they produce so much more than who produces alone. The cooperativism, as an alternative movement and capitalism opposition, could be used as an instrument for a better finance distribution and socioeconomic growth of the emergent economies. The precursors thought different, but the man was always the main objective. Giving this, it concludes that the dissemination of the cooperativism education would be a viable alternative for the moment.

KEYWORDS: Cooperativism; Origins; Evolution; Social and Economic Aspects.

1 – INTRODUÇÃO

No despertar do século XXI, para se falar de cooperativismo é importante que se situe e entenda a época que estamos vivendo. A era da tecnologia; em que a população dos países desenvolvidos envelhece, dos subdesenvolvidos crescem, postos de trabalho desaparecem em uma determinada região e, aparecem em outra e, por ai vai.

Este artigo propõe traçar um paralelo entre o cenário atual e o da época do surgimento do cooperativismo, aspectos econômicos e sociais.

¹ Especialista em Gestão de Cooperativas pelas Faculdades Integradas de Pedro Leopoldo e Bacharel em Administração pelo Centro Universitário de Araxá. Gerente da Cooperativa de Crédito da Microrregião do Alto Paranaíba, Sistema SICOOB e Docente do Centro de Ensino Superior de São Gotardo. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/6862216587124082>.

Revista Brasileira de Gestão e Engenharia – ISSN 2237-1664 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número I Jan-jun 2010	Trabalho 03 Páginas 23-34
http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/gestaoeengenharia	periodicoscesg@gmail.com	

Bialoskorski Neto (2006, p.21) comenta que o cooperativismo e as formas de cooperação são algo de muito antigo na história da humanidade. Há registros sobre a cooperação e a associação solidária desde a Pré-História da civilização, em tribos indígenas ou em antigas civilizações como os Babilônicos.

As pessoas quando se juntam, produzem muito mais que a soma do que produziriam individualmente. Um grupo sempre tem força, na vivência nos antigos feudos, quando as pessoas aquartelavam-se em torno de um senhor feudal que, poderoso, possuidor de bens, dava guarita e proteção dentro seus muros, em troca de vassalagem. A convivência entre eles era, acima de tudo, garantia de sobrevivência.

As pessoas também tendem a reunir-se em torno de valores e de crenças, vivem em comunidade, formam cidades e agregam-se dentro desses grupos maiores, em outros menores, ou ainda maiores que os primeiros, buscando preservar-se e manter-se. (SANTOS, 2001).

O cooperativismo é uma forma de somar capacidade dentro de um mundo de concorrência. É uma forma de preservar a força econômica e de vida dos indivíduos de um mesmo padrão e tipo, com objetivos comuns e com as mesmas dificuldades. A cooperativa quase sempre surge em momentos de dificuldades e da consciência de fragilidade do homem dentro do mundo em que atua.

O final do século XVIII, e início do século XIX, período qual aconteceu a revolução industrial, representou a passagem da sociedade rural para a sociedade industrial, a mudança do trabalho artesanal para o trabalho assalariado, a utilização da energia a vapor no sistema fabril em lugar da energia humana; hoje o que se vê a revolução tecnologia, não há a exploração como naquela época, mas uma exclusão, impulsionada pela continuidade da substituição do homem pela máquina, porém de forma mais rápida, ou seja constantes mudanças de cenários; as empresas competem em todo o universo na busca de mercados para seus produtos, produzem cada vez mais e, mesmo com a criação de novas demandas, a produção tem sido sempre mais que o consumo. Paralelamente ao aumento da produção, produz-se também massa de desempregados, que na verdade são consumidores que deixam de consumir os produtos dessas mesmas empresas.

Revista Brasileira de Gestão e Engenharia – ISSN 2237-1664 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número I Jan-jun 2010	Trabalho 03 Páginas 23-34
http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/gestaoeengenharia	periodicoscesg@gmail.com	

O liberalismo econômico clássico de Adam Smith (1983) coloca: “Ao buscar a satisfação do seu interesse particular, o indivíduo atende freqüentemente ao interesse da sociedade de modo muito mais eficaz do que se pretendesse realmente defende-lo”

Este pode ser pensamento importante, mas os efeitos colaterais perversos, pois ao buscar produtividade em nome da competitividade, muitos ficam pelo caminho, ou seja, o homem não é a prioridade, e sim o lucro.

O cooperativismo surge como uma resposta às atrocidades do capitalismo.

2 – ORIGEM DO COOPERATIVISMO

Quase sempre quando se fala em cooperativismo se relembra a lendária experiência dos Pioneiros de Rochdale, destacando o cooperativismo como um movimento alternativo e de oposição ao capitalismo.

Um dos grandes dramas do processo da Revolução Industrial foi à alienação do trabalhador em relação à sua atividade. Ao contrário do artesão da Antiguidade ou da Idade Média, o operário moderno perdeu o controle do conjunto da produção. Passou a ser responsável por apenas uma parte do ciclo produtivo de uma mercadoria, ignorando os procedimentos técnicos envolvidos. Além disso, recebendo “salário” em troca da atividade mecânica realizada, o operário alienava o fruto de seu trabalho ao capitalista, transformando-o em mercadoria sujeita ao mercado. (VICENTINO, 2001)

O processo de desenvolvimento capitalista, intensificado pela Revolução Comercial dos séculos XVI e XVII, estava até então, ligado à circulação de mercadorias. A partir da segunda metade do século XVIII, entretanto, iniciou-se na Inglaterra a mecanização industrial, desviando a acumulação de capitais da atividade comercial para o setor da produção. Esse fato trouxe grandes mudanças tanto de ordem econômica quanto social, que possibilitaram o desaparecimento das relações e práticas feudais ainda existentes e a definitiva implantação do modo de produção capitalista.

Revista Brasileira de Gestão e Engenharia – ISSN 2237-1664 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número I Jan-jun 2010	Trabalho 03 Páginas 23-34
http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/gestaoeengenharia	periodicoscesg@gmail.com	

De acordo com Vicentino (2001), a industrialização iniciou-se com mecanização do setor têxtil, cuja produção tinha grandes mercados nas colônias.

Com a gradativa sofisticação das máquinas, houve aumento da produção e geração de capitais, que impulsionou a produção e geração de capitais, que eram reaplicados em novas máquinas. Após o setor têxtil, a mecanização alcançou o setor metalúrgico impulsionou a produção em série e levou à modernização e expansão dos transportes.

Bialoskorski Neto (2006) comenta que em uma realidade de pobreza e exploração do trabalho, o trabalhador era submetido a uma jornada de 17 horas diárias, passaram fome e não contam com nenhum benefício social, em um mundo de desemprego, carestia e miséria, que leva alguns pensadores econômicos à revolta.

Surgem, então, alguns pensamentos diferenciados, como: ‘A cada um, de acordo com seu trabalho’, e ‘A cada um, segundo a sua capacidade; a cada um, segundo as suas necessidades’. Esses pensamentos e a preocupação com a situação social, aliado a uma revolta contra a propriedade privada e à livre concorrência, fazem nascer um grupo de socialistas, chamados utópicos (BIALOSKORSKI NETO, 2006, p.22).

O cooperativismo foi idealizado por vários precursores, mas aconteceu de fato em 1844, como registra (REIS JÚNIOR 2006), em pleno regime de economia liberal, com a fundação da Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale (*Rochdale Society of Equitable Pioneers*), em Manchester na Inglaterra; associação que, mais tarde, seria chamada de Cooperativa.

3 – OS PRECURSORES

Como comenta Santos (2001) sempre houve pessoas que, inconformadas com a sociedade em que viviam, aspiravam organizar uma sociedade ideal, onde reinasse a justiça, a paz, ordem e a felicidade, eliminando as diferenças econômicas e implantando o bem-estar coletivo. Assim, como meios de expressão desse desejo, podem ser citadas as obras de Platão “A república”, a de Tomas Morus (1470 –

Revista Brasileira de Gestão e Engenharia – ISSN 2237-1664 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número I Jan-jun 2010	Trabalho 03 Páginas 23-34
http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/gestaoeengenharia	periodicoscesg@gmail.com	

1535) “Utopia”, a “Cidade do Sol”, de Tomás Campanella (1568 – 1639) e “A Nova Atlântida”, de Francis Bacon (1561 – 1626). Todos eles tiveram, com sua ideologia, influência direta ou indireta no surgimento do Cooperativismo.

Os primeiros cooperativistas, Robert Owen² (1772 – 1858), Charles Fourier³ (1772 – 1837), Philippe Joseph Benjamins Buchez (1796-1865) e Louis Blanc (1812-1882), caracterizam-se, tal como os socialistas por sua indignação diante das desigualdades sociais causadas pelo capitalismo.

O pensamento de Owen era de que o homem é resultado de seu meio social; para modificá-lo seria necessário modificar o meio social mas, de forma pacífica, gradual e moderada, a fim de que nenhuma parte do corpo político nem do indivíduo sofresse com a mudança. Suas principais ações baseavam-se em: combater o lucro e a concorrência, por considerá-las os principais responsáveis pelos males e injustiças; combater a divisão social entre operários e patrões, pois considerava que toda a produção devia ser dos trabalhadores; criou medidas de assistência social aos funcionários de sua fábrica de fios de algodão em New Lanark na Escócia.

Charles Fourier

Procurou harmonizar os interesses dos trabalhadores, dos capitalistas e dos consumidores, pois acreditava que as desigualdades entre pobres e ricos fazem parte do plano de Deus e tudo o que provém de Deus é bem feito, e que os problemas econômicos e sociais poderiam ser resolvidos por meio dos Falanstérios⁴, onde os homens viviam suas diferenças com justiça e harmonia (SANTOS, 2000 *apud* PINHO, 1982, p. 26).

Já Philippe Joseph defendia a associação cooperativa dos operários por categoria profissional de forma pacífica e sem espoliações, para que eles se

² “Nasceu na Inglaterra. É considerado o pai do cooperativismo. Viu na cooperativa a base para a nova ordem social, econômica e política” (REIS JÚNIOR, 2006, p.26).

³ “Nasceu na França. É considerado o idealizador das cooperativas integrais de produção. Lançava-se contra o *Laisses-faire*, a competição sem controle” (REIS JÚNIOR, 2006, p.26).

⁴ Cidade para habitação da comuna societária no sistema Fourier; de acordo com Bialoskorski Neto, (2006), é um tipo de colônia socialista comunitária em que as pessoas poderiam viver com suas famílias e produzir.

tornassem produtores livres, e, com isso: tivessem poupança e empréstimo em comum; assegurassem rendimentos iguais a todos.

As principais características da associação cooperativa defendida por Buchez eram: sustentação financeira sem auxílio do estado; a dupla função aos associados de empresários e empregados; retorno das sobras proporcionais ao trabalho; a indivisibilidade e inalienabilidade do capital social da cooperativa (SANTOS, 2001).

Louis Blanc defendia a associação de operários em fábricas sociais, que no primeiro momento seria organizada e financiada pelo estado, pois defendia que o estado era responsável pelos problemas econômicos e sociais. As fábricas sociais seriam organizadas por estatutos próprios, mas dentro do princípio da igualdade, segundo o qual as sobras líquidas seriam divididas em três partes, sendo uma para os operários, uma constituiria um fundo de assistência social e o restante para capitalização e fortalecimento financeiro do empreendimento.

4 – OS PIONEIROS DE ROCHDALE

Muitas iniciativas de cooperativas não obtiveram sucesso devido às condições políticas desfavoráveis e, principalmente, pela forma como estas eram criadas. De acordo com Reis Júnior (2006) foi durante a Revolução Industrial que emergiram as condições socioeconômicas favoráveis ao desenvolvimento das sociedades cooperativas.

Aconteceu em Rochdale, onde 28 operários, que eram em maioria tecelões, fundamentados no sentimento de cooperação e mutualidade pregados por Robert Owen e Fourier, dentre outros; finalmente conseguiu colocar um funcionamento um empreendimento, que a história registra como marco inicial do cooperativismo.

Analisando a época, conclui-se os mentores desta idéia eram homens à frente de seu tempo, buscavam meios de melhorar suas condições sociais e econômicas. Os pioneiros de Rochdale inauguram um armazém, organizado e regido por normas estatutárias que, segundo (Santos 2001 *apud* Pinho1982) objetivavam:

Revista Brasileira de Gestão e Engenharia – ISSN 2237-1664 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número I Jan-jun 2010	Trabalho 03 Páginas 23-34
http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/gestaoeengenharia	periodicoscesg@gmail.com	

- a) formação de capital para emancipação dos trabalhadores mediante economias realizadas com a compra em comum de gêneros alimentícios;
- b) construção de casas para fornecer habitação a preço de custo;
- c) criação de estabelecimentos industriais e agrícolas com duplo objetivo: produzir direta e economicamente tudo o que fosse indispensável aos operários desempregados ou que percebiam baixos salários;
- d) educação a luta contra o alcoolismo;
- e) comercialização (compra e venda) somente a dinheiro, para que os cooperados só assumissem compromissos dentro de suas possibilidades orçamentárias, e evitando o crédito, que considerava um “mal social”.
- f) Cooperação integral.

Esse fato é considerado o início do movimento cooperativista mundial, ou seja, o marco fundamental do cooperativismo moderno. A base doutrinária dos estatutos desses cooperativistas pioneiros norteará toda organização cooperativa até os dias de hoje, sendo adotada e propagada pela Aliança Cooperativa Internacional e pelas organizações cooperativas em nível nacional. (BIALOSKORSKI NETO, 2006, P. 28).

Como nos mostra a história, foi em um ambiente de dificuldade que as idéias cooperativistas se firmaram e os avanços das práticas industriais e diminuição da atividade artesanal, inicia-se a exploração da mão-de-obra, o cooperativismo surge como forma de amenizar os traumas econômicos e sociais que estas transformações submeteram o homem da época.

Hoje o que se discute são alternativas viáveis para a realidade atual; os motivos que os precursores do cooperativismo à época e, o momento atual, quais as semelhanças e soluções estão nosso alcance alicerçado nos ideais cooperativista.

5 - ALIANÇA COOPERATIVA INTERNACIONAL – ACI

Assim como segmentos da economia possuem seus órgãos representativos, com o cooperativismo não é diferente.

A ACI foi fundada em 1895, por iniciativa de líderes cooperativistas ingleses, franceses e alemães, com o objetivo de criar um órgão representativo

Revista Brasileira de Gestão e Engenharia – ISSN 2237-1664 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número I Jan-jun 2010	Trabalho 03 Páginas 23-34
http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/gestaoeengenharia	periodicoscesg@gmail.com	

mundial, que intensificasse o intercâmbio entre as cooperativas dos diversos países, nos campos doutrinários, educativo e técnico.

De acordo com Santos (2001) a fundação da ACI foi precedida por intensos debates entre duas correntes: a da **“Hegemonia do Produtor”**, proposta pelo grupo de Londres, os socialistas cristãos, liderados por Vansitartart Neale, que defendiam a participação como o principal critério rochdaleano de autenticidade cooperativista, e que pregavam a transformação social por intermédio das cooperativas de produção, que seria o instrumento de libertação do trabalhador assalariado, com a participação dos funcionários nos lucros das empresas e a da **“Hegemonia do Consumidor”**, defendida pelo grupo de Manchester, isto é, pelas organizações cooperativas “Wholesale” é apoiado pelas federações cooperativistas de consumo, que pregavam a transformação social pela organização das cooperativas de consumo, pois entendiam que todas as pessoas são consumidoras e nem todas são trabalhadoras, pôr isso as cooperativas de consumo são universais nos objetivos que defendiam, e portanto, atendiam aos interesses de todas as pessoas.

Ainda de acordo com Santos *apud* Schneider (1991), a influência de Charles Gide foi decisiva para que a ACI acatasse a **“Hegemonia do Consumo”** (que é a vitória da produção cooperativa de consumidores, com retorno proporcional às operações) em detrimento da **“Emancipação do produtor”** ou produção de trabalhadores cooperativados, em retorno ao trabalho. Pois segundo ele, as cooperativas de produção, apoiadas pelas cooperativas de crédito, pleiteavam apenas a reconciliação entre o capital e o trabalho gerando a paz social, defendendo somente os interesses dos pequenos produtores da ameaça de ser tornarem assalariados.

6 – COOPERATIVISMO DO SÉCULO XXI

A propriedade de uma empresa cooperativa é conjunto dos cooperados. Na era da tecnologia, do conhecimento e da informação os empreendimentos cooperativos, sob pena de não sobreviver, tem obrigatoriamente que apresentar resultado econômico para cumprir sua função social com eficácia.

Revista Brasileira de Gestão e Engenharia – ISSN 2237-1664 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número I Jan-jun 2010	Trabalho 03 Páginas 23-34
http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/gestaoeengenharia	periodicoscesg@gmail.com	

Com a globalização das atividades econômica, seja qual for a atividade da empresa, é preciso que demonstre muita eficácia administrativa; as cooperativas, por suas características de governança, princípios de democracia e a falta de qualificação dos dirigentes, em alguns momentos ficam em desvantagens em relação às demais empresas.

O cooperativismo mundial vem enfrentando profundas modificações. O líder cooperativista mais eficiente, tradicional até então, era aquele capaz de interpretar as aspirações de sua base e transforma-la em proposta. Tal interpretação sempre foi feita através de consulta aos cooperados. Com a globalização econômica, não dá mais tempo de fazer isso: as oportunidades passam muito rapidamente. Portanto, o novo líder tem que ser muito mais ágil em suas decisões, sem perder a condição democrática delas. (BIALOSKORSKI NETO *apud* ODRIGUES, 2006)

Oliveira (2006) lembra que constituição jurídica das empresas cooperativa é diferente das empresas mercantis, entretanto, como as cooperativas concorrem com as empresas no mercado, o diferencial de constituição jurídica por si só, não pode ser considerada como vantagem, no Brasil, por exemplo, o amparo da lei 5.764/71 em alguns momentos, pode até constituir em desvantagem. O que realmente consolidam as vantagens é uma gestão eficaz, capaz sustentar vantagens competitivas reais e duradouras.

Os pioneiros do cooperativismo tiveram a intuição de que além de melhorar a situação econômica das pessoas, era preciso também melhorar as pessoas. Uma intuição, que o momento presente confirma, pois, hoje as pessoas e/ou empresas para se manterem no mercado, precisam se aprimorar constantemente.

A conclusão a que se chega diante destes fatos, é que a capacitação dos executivos e profissionais, bem como dos cooperados, vem se tornando premissa básica para que os resultados sejam alcançados; é importante que os líderes cooperativistas percebam esta nova realidade, mas que não percam de vista os cooperados.

Oliveira (2006) ressalta algumas tendências administrativas das empresas cooperativas, que vale a pena registrar:

Revista Brasileira de Gestão e Engenharia – ISSN 2237-1664 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número I Jan-jun 2010	Trabalho 03 Páginas 23-34
http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/gestaoeengenharia	periodicoscesg@gmail.com	

- a) elevação do nível de concorrência entre as empresas mercantis e as cooperativas;
- b) estrutura organizacional cada vez mais enxuta;
- c) aumento das fusões e incorporações;
- d) atuação no novo contexto ecológico;
- e) profissionalização de cooperados e de cooperativas.

O cooperativismo veio para contrapor as desigualdades provocadas pela livre concorrência e exploração de mão-de-obra, hoje o que se vê e cooperativismo como forma de inclusão social, ou grupo de pequenos se torna grande quando formam uma cooperativa e a cooperativa concorre no mercado com as grandes corporações.

O estabelecimento de vantagens competitivas por parte de cooperativas tem sido o apelo da economia social, que se bem explorada pode se tornar uma grande vantagem em relação às empresas mercantis.

7 – CONCLUSÃO

A história nos mostra, que as grandes evoluções da humanidade aconteceram em momentos de dificuldades. As transformações provocadas pela própria evolução provocaram e ainda provocam efeitos colaterais muitas vezes devastadores. Foi assim, com a passagem da produção artesanal para a produção em série, assim também está sendo hoje com a evolução das comunicações, com mudanças de cenários em espaço de tempo cada vez menor.

São nestes momentos que surgem aqueles homens cujos pensamentos estão à frente de seu próprio tempo, pena que o reconhecimento nem sempre acontece de uma forma justa. Lendo, relendo, pesquisando, enfim tentando entender porque o homem na busca da sobrevivência, deixa fora de seus planos, seu semelhante.

A prática do cooperativismo é um contraponto entre os extremos do capitalismo e do socialismo, cria uma forma de emancipação e resgate da cidadania

Revista Brasileira de Gestão e Engenharia – ISSN 2237-1664 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número I Jan-jun 2010	Trabalho 03 Páginas 23-34
http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/gestaoeengenharia	periodicoscesg@gmail.com	

social e econômica dos que naquele tempo eram explorados, alienados da produção em série, e hoje àqueles que são deixados pelo caminho em nome de uma economia globalizada e neoliberal.

Analisando o pensamento dos precursores do cooperativismo, Robert Owen, François Marie Charles Fourier, Phelippe Josephh Benjamins Buchez, Louis Blanc, e depois dos 28 operários que deram início ao empreendimento que história registrou como início do cooperativismo contemporâneo, verifica-se diversas correntes de pensamento, porém em todas elas, o principal objetivo é o homem.

Hoje, especialmente no campo do trabalho, o efeito da globalização neoliberal tem sido nefastos, o cooperativismo se apresenta como forma de atenuar estes efeitos e gerar possibilidade de recuperar a renda e a dignidade destes trabalhadores; obviamente calcada nos princípios e valores universais do cooperativismo.

Conclui-se que o tempo passou, mas as dificuldades, mesmo de diferentes formas continuam existindo. O homem tem sido educado para competir, e não para cooperar.

Percebe-se nitidamente que através da união de pessoas e, com estratégias bem delineadas e construídas à luz dos princípios cooperativistas as soluções seriam alcançadas com mais facilidade. A disseminação das idéias cooperativistas poderia ser uma grande solução; como comenta Reis Júnior (2006), para melhor distribuição das riquezas, sobretudo nas economias emergentes, como aglutinadores e mediador das pendências sociais e como instrumento disciplinador do crescimento socioeconômico.

8 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIALOSKORSKI, Neto Sigismundo. *Aspectos Econômicos das Cooperativas*. Belo Horizonte: Mandamentos, 2006.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças. *Manual de Gestão das Cooperativas: Uma Abordagem Prática*. São Paulo: Atlas, 2006.

Revista Brasileira de Gestão e Engenharia – ISSN 2237-1664 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número I Jan-jun 2010	Trabalho 03 Páginas 23-34
http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/gestaoeengenharia	periodicoscesg@gmail.com	

REIS, Nilson Júnior. *Aspectos Societários das Cooperativas*. Belo Horizonte: Mandamentos, 2006.

SANTOS, Valdemar Dias. *Crescimento. Crise e Reestruturação da Cooperativa de Cafeicultores e Agropecuaristas de Maringá – COCAMAR*. Dissertação (Mestrado em Gestão dos Agronegócios). Universidade Paranaense – UNIPAR, Umuarama/PR, 2000. Disponível em: www.unoescsmo.edu.br/pub/professores/farid_eid/dissertacaovaldemar.pdf.

SMITH, Adam. *A Riqueza das Nações: Investigação sobre sua Natureza e suas Causas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

VICENTINO, Cláudio. *História Geral e do Brasil: Volume Único*. São Paulo: Scipione, 2001. (Série Parâmetros).